

**Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes**

**Disciplina CJE 0615 — Ética  
Prof. Dr. Eugênio Bucci**

**Seminário 4**  
A ética na apologia de Sócrates

**Alunos:**  
**Ana Paula Souza Medeiros**  
**Camila Sales Machado**  
**Fernanda Umezaki Real**  
**Murillo Cesar de Amorim Alves**

**São Paulo**  
**Junho de 2021**

## **Sócrates e a filosofia como modo de se desprender das amarras da sociedade**

É certo que as ideias de Sócrates se configuraram como uma ameaça ao Estado grego da época. Porém, antes de desprender os motivos, é necessário entender o que é a filosofia, como ela se originou e a sua relação com a sociedade.

Diferentemente das primeiras civilizações, que tentavam explicar a vida e os fenômenos mundanos por meio de mitos, a filosofia se encarrega de usar o conhecimento racional para compreender o desconhecido. Originada na Grécia Antiga, no mesmo instante da formação das cidades-estados, seu nome é a junção dos termos gregos “philos” e “sophia”, que significam amor e sabedoria, respectivamente. Ou seja, a filosofia nada mais é do que o amor à sabedoria e ao conhecimento. Os filósofos antigos, com frequência, utilizavam as ágoras para compartilhar suas reflexões com os outros cidadãos. As ágoras eram espaços de convivência comunitária, então, pode-se afirmar que a filosofia “nasceu” em praça pública.

A partir disso, é interessante observar a influência da filosofia nos governos ditatoriais e totalitários. Usando como exemplo a Ditadura Militar brasileira e o nazifascismo durante a Segunda Guerra Mundial, os intelectuais faziam parte do grupo de pessoas que eram perseguidas pelas autoridades da época. Durante regimes repressores e que utilizam da censura como forma de se manter no poder, é fácil perceber o motivo pelo qual os pensadores não são os mais queridos pelos governantes, pois, ao se questionarem sobre a conjuntura governamental atuante e suas consequências na sociedade, bem como se a Constituição está sendo ou não respeitada, o povo consegue enxergar o que há de errado e se juntar para organizar uma revolução e, nesse viés, reivindicar seus direitos. Logo, a filosofia, como ato de reflexão, representa um perigo para esse tipo de governo.

Trazendo a discussão para a *Apologia de Sócrates*, é interessante discorrer sobre como o filósofo foi tratado como responsável por corromper os jovens ao ensiná-los a refletir por meio da filosofia. À medida que as ideias de Sócrates se espalhavam pela Grécia, mais inimigos se formavam e mais o Estado se sentia ameaçado. Sob essa ótica, ao ser condenado pelos crimes de desacreditar nos deuses gregos e “desviar” os jovens com seus pensamentos, Sócrates foi julgado e morto injustamente por ignorância e perseguição política.

Portanto, a filosofia tem o poder de mudar o corpo social através da consciência e da razão, e, no fim, o reconhecimento do tamanho de seu poder gera medo.

## O Jornalismo e o método socrático

Como visto anteriormente, Sócrates ficou conhecido por reconhecer sua própria ignorância. A partir disso, o filósofo valia-se dessa ideia para questionar seus interlocutores, para que esses também percebessem a ignorância dentro de si. Esse conceito, de admitir o desconhecimento diante dos fatos e opiniões, mostra-se essencial, mais de dois mil anos depois, para o bom jornalismo.

O jornalista deve, antes de tudo, observar em si mesmo essa visão socrática. Apesar de o grego buscar, com os seus questionamentos, quebrar os argumentos e conceitos de seus opositores, essa ideia de criar conflitos e instigar discussões, é muito valiosa para essa profissão, que passa, constantemente, por sucateamentos, na sociedade e na própria mídia. Na obra *Apologia de Sócrates*, a partir da visão de Platão, Sócrates descreve, por diversas vezes, a arrogância dos “sábios” do seu tempo, apesar de não deterem, propriamente, a sabedoria. Mesmo aqueles que, segundo o filósofo, tinham ciência numa determinada área do conhecimento, agiam e eram considerados pela sociedade como “suprassumos” do conhecimento. Transportando esse método socrático para os tempos modernos, em especial no jornalismo, é possível perceber que a “ignorância” do repórter é uma qualidade, pois a partir dela ele é capaz de articular e formular melhor suas perguntas, ao deixar de lado seus pré-conceitos.

A postura do jornalista, de questionar e “atacar” os poderes superiores, mostra-se essencial na contemporaneidade, na qual os indivíduos se fecham, cada vez mais, em bolhas e alheios às opiniões contrárias a eles. Instigar, pulverizar e atacar o entrevistado com perguntas, além de engrandecer o próprio repórter, exercem papéis sociais em nossos tempos, pois resultam nessa ruptura da “falsa sabedoria” existentes em nossas bolhas, e devem ser, além de valorizados, protegidos.

Mas não há apenas consequências positivas advindas desse método do socrático. Semelhante ao desfecho da história de Sócrates, julgado e condenado por seus métodos, o jornalismo se encontra sob constantes ameaças. O mero fato de o jornalista poder colocar em risco um governo é o suficiente para que esse sofra ameaças, durante toda a sua carreira. Entretanto, é dever desse seguir com sua função, revelando dados indigestos e informações de importância pública, mesmo que isso o coloque em risco.

## A pena de morte na apologia de Sócrates

Quando Sócrates foi à júri por contar a verdade, a sentença resultante foi a morte. Resignado, o filósofo abraçou seu destino e, em uma postura bastante consciente da situação, ele estruturou a sua despedida do tribunal, logo após ter sustentado sua réplica e sua defesa perante os acusadores em sua apologia. Nesse contexto, para além da questão da morte, alguns paralelos de ordem existencial são colocados em evidência, ao retirar-se do poema *Balada*, por Mário Faustino, pontos que tangenciam a discussão sobre a brevidade da vida e a negação do direito à continuidade desta.

A partir do que se conhece a respeito da sociedade ateniense e da vida de Sócrates, ainda que sua existência possa ser discutida, a religião era um elemento bastante presente à época e aos costumes do período clássico. Para tanto, a presença da religiosidade no decorrer da apologia, explicitada por meio da figura de Deus, que para o autor, foi a testemunha e o ordenador do ofício de filósofo, pode ser associada ao caráter existencial também presente no poema *Balada*, pela perspectiva do seguinte verso: “Por tão clara aventura, mas tão dura?”. Nesse contexto, os temas são conectados pela morte imposta ao filósofo, o que reforça o aspecto existencial envolvida na prática da verdade e na coerência do caráter de Sócrates, uma vez que esse persistiu na adversidade de ser verdadeiro, mesmo quando tal atitude confrontou interesses pessoais e culminou no sentenciamento à morte.

Um segundo aspecto a ser ressaltado possui relação com a estipulação da pena decorrente da verdade e da influência da figura de Sócrates entre os mais jovens. Como dito anteriormente, ainda que em meio a “Tanta violência. Mas tanta ternura.” (quarto verso da quarta estrofe do poema de Faustino), o filósofo abraçou seu destino com serenidade. Sobre esse comportamento de Sócrates, entende-se que, para além da problemática de se contar a verdade, a pena de morte foi a solução do tribunal encontrada para a desobediência civil, a mesma que, para Mahatma Gandhi, também resultou na morte precoce. Dessa forma, a reflexão que deve ser feita é resumida na maneira como o comportamento de um indivíduo impacta a sociedade e o Estado como um todo. Para a manutenção deste, a morte imposta foi e é comumente utilizada, haja vista o recente caso que envolve os detentos da Carolina do Sul nos Estados Unidos, em que a sua execução voltou a ser discutida, em função da falta suprimentos das injeções letais e das alternativas encontradas para a imposição da obediência civil no estado.

Em síntese, depreende-se a partir da defesa do filósofo os mecanismos encontrados pelos atenienses e pelos Estados modernos, tal como a imposição da morte como um paliativo para a desobediência civil, para o “bom” funcionamento dessas sociedades.

### **O perigo do falso testemunho**

Ao longo de sua defesa, Sócrates deixa clara a forma como as forças políticas que se opunham a ele moldaram uma narrativa caluniosa, porém que foi acatada por grande parte da população. Conforme diz em “Então, cidadãos atenienses, devo defender-me e procurar remover de vossa mente, em tão rápida hora, a má opinião acolhida por vós durante tanto tempo”, seu maior desafio é tentar desconstruir a imagem que foi feita dele ao longo de muitos anos. Porém, a despeito de sua argumentação afiada, que refutou diversas das mentiras difundidas contra ele, a palavra dos seus contraditores acabou por prevalecer na decisão de sua sentença.

O filósofo destaca que muitas das pessoas presentes em seu julgamento provavelmente haviam crescido sob influência - direta ou indireta - de seus acusadores. Pode-se observar como aqueles homens, devido aos seus altos cargos públicos e grande influência, possuíam o poder de moldar opiniões, exercer certo controle sobre os ideais e opiniões dos cidadãos desde a infância. O texto mostra como o poder (político, econômico, social) muitas vezes detém controle sobre as narrativas acerca de pessoas, ideias e movimentos.

No contexto atual visualizar isto é ainda mais complexo, uma vez que possuímos sistemas sociopolíticos com centenas de atuantes intrincados: o Estado e suas muitas instituições, pessoas com alto poder aquisitivo, diversos cargos públicos com suas esferas de controle, a mídia, a imprensa, a publicidade, entre outros; e todos estes se intercomunicam, seja à vista da população geral ou não. Será que o falso testemunho é um privilégio do poder? Será que figuras de grande influência conseguem fazer valer a sua vontade, acima e sem embargo da verdade?

Um episódio recente que também nos ajuda a refletir sobre estes questionamentos foi a “CPI da covid”, conduzida ao longo dos meses de abril e maio. Ao longo do inquérito, diversas pessoas envolvidas na gestão da pandemia foram questionadas a respeito de ações e declarações que podem ter contribuído para o agravamento da crise de saúde pública no país. Muitos dos interrogados entraram em contradição com o que já haviam dito posteriormente, e

muitos foram acusados de mentir deliberadamente tanto para a assembleia quanto para a população.

Figuras como Mayra Pinheiro (secretária de Gestão do Trabalho do Ministério da Saúde), Eduardo Pazuello (ex-Ministro da Saúde) e Fábio Wajngarten (ex-Secretário de Comunicação da Presidência) são tema de diversas matérias com o objetivo de expor e provar as mentiras que contaram. Principalmente em relação aos dois últimos listados, houve grande comoção por parte da população, sobretudo nas redes sociais, pedindo que enfrentassem processo judicial, fossem indiciados ou mesmo imediatamente encarcerados devido ao falso testemunho que prestaram e às ações nocivas perante a população brasileira. Entretanto, até a última semana de maio, nenhum dos acusados enfrentou qualquer tipo de consequência legal por seus atos. Sendo assim, é importante considerar que essas pessoas gozam de certo poder e influência política, estando ou tendo estado no passado aliadas ao Governo, o que lhes confere privilégios em um país que sofre historicamente com encarceramento em massa e precoce (sobretudo de cidadãos de baixa renda).

No caso de Sócrates, o falso testemunho levou à sua morte antes do tempo. Entretanto, seu caso não foi isolado, e ele sabia disso ao dizer: “Aquilo, pois, que eu dizia no princípio, que há muito ódio acumulado contra mim, bem sabeis que é verdade. E isso é o que me vai perder, se eu me perder. E não Meleto, ou Anito, mas, a calúnia e a insídia do povo: pela mesma razão se perderam muitos outros homens virtuosos, e outros ainda, creio, serão perdidos; não há perigo que a série se feche comigo”. Na passagem há o agouro de que este sistema de censura e difamação não se encerrará com sua morte.

Na profissão do jornalista, essa é uma questão muito importante. Especialmente no contexto nacional, a imprensa também é vítima de censura, vilanização e difamação e, tal qual Sócrates, não possui o poder de reger a narrativa construída acerca de si mesma, com diversos profissionais sendo por vezes punidos injustamente. Em contrapartida, sobretudo para os grandes veículos de comunicação ou jornalistas prestigiados, existe grande visibilidade e a oportunidade de democratizar o acesso à informação, desmascarando calúnias.

## **BIBLIOGRAFIA:**

A FILOSOFIA é um perigo. Carta Capital, 7 maio de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-socio/a-filosofia-e-um-perigo/>. Acesso em: 1 jun. 2021.

A NORMALIZAÇÃO da mentira na CPI. ISTOÉ, 25 maio 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/a-normalizacao-da-mentira-na-cpi/>. Acesso em: 1 jun. 2021.

BALADA. *In*: FAUSTINO, Mário. Em memória de uma poeta suicida. Vermelho 27/08/2007. Acesso em: 1 jun 2021.

BIOGRAFIA de Platão. EBiografia: Dilva Frazão, 13 ago. 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/platao/>. Acesso em: 1 jun. 2021.

BIOGRAFIA de Sócrates. EBiografia: Dilva Frazão, 19 ago. 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/socrates/>. Acesso em: 1 jun. 2021.

CONHEÇA a bússola da CPI da Covid, com mentiras, perguntas sem respostas e cerco a Bolsonaro. Folha de S. Paulo, 22 maio de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/conheca-a-bussola-da-cpi-da-covid-com-mentiras-perguntas-sem-respostas-e-cerco-a-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2021.

CAROLINA do Sul retoma uso da cadeira elétrica para os presos no corredor da morte. El País, 17 maio 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-05-17/carolina-do-sul-retoma-uso-da-cadeira-eletrica-para-os-presos-no-corredor-da-morte.html>. Acesso em: 1 jun. 2021.

ORIGEM da filosofia: conceito, características e os principais pensadores. Stoodi, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/filosofia/origem-da-filosofia/>. Acesso em: 1 jun. 2021.

SÓCRATES e a pergunta jornalística. Observatório da Imprensa: Francisco José Castilhos Karam, 27 jun. 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/socrates-e-a-pergunta-jornalistica/>. Acesso em: 1 jun. 2021.

VEJA as 15 'mentiras' do ex-ministro Pazuello apontadas pelo relator Renan Calheiros na CPI. G1, 21 maio de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/05/21/veja-as-mentiras-que-pazuello-contou-na-cpi-segundo-renan.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2021.

1948: Assassinato de Mahatma Gandhi. DW, 30 jan. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1948-assassinato-de-mahatma-gandhi/a-421849>. Acesso em: 1 jun. 2021.